



projeto virtus
agência meio
decos

CLIPPING

Espaço Jornalístico sobre ciência,
cultura e tecnologia na UFPE

NOTÍCIAS

Sargaço pode ser utilizado como filtro de metais pesados

Odiado pelos banhistas e ignorado pelas autoridades, o sargaço - também conhecido como algas arribadas - que se amontoa nas praias de Pernambuco pode ganhar uma utilidade inédita: filtrar os metais pesados (como mercúrio e cromo) dos esgotos das indústrias, evitando que essas substâncias, consideradas altamente poluentes e tóxicas, sejam despejadas em rios e cursos d'água. Depois de secas, trituradas e submetidas a um processamento químico, as algas chegam a reter entre 80% e 90% do volume de poluentes. Essa característica do sargaço está sendo pesquisada pelos departamentos de Oceanografia e Engenharia Química da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a coordenação do oceanógrafo Zanon Passavante e das engenheiras químicas Marta Duarte e Valdinete Lins.

O objetivo é encontrar um método barato e eficiente o bastante de evitar a poluição ambiental, uma vez que apenas 1% das indústrias potencialmente poluidoras contam com filtros em seus sistemas de descarga - o que contraria a Lei Federal 9605/98, de crimes ambientais. "Mesmo assim, os filtros ainda deixam passar resíduos dos metais pesados. O sargaço pode ser reaproveitado, bem como o material que ele retém", explica Passavante. Segundo ele, os principais interessados no êxito do projeto seriam os fabricantes de baterias, inseticidas, pesticidas e adubos.

A pesquisa começou no ano passado em Itamaracá (PE). Atualmente, os pesquisadores estão recolhendo algas na praia de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, no Grande Recife, com apoio da prefeitura do município. Por mês, uma média de 23,7 toneladas de algas arribadas são coletadas. "Usamos apenas 10 quilos nos testes de laboratório, mas temos que saber que quantidade está mensalmente disponível", explica Passavante. O restante do material é levado ao aterro sanitário da Muribeca. De acordo com o pesquisador, as algas de Jaboatão apresentam capacidade de retenção entre 50% e 60% - bem abaixo da média de 80% verificada em Itamaracá. A causa provável é que o sargaço de Jaboatão, por vir de uma área urbana com centro industrial, já chegue à praia com uma certa saturação de metais pesados trazidos ao mar pelos rios locais.

O pesquisador admite que a retirada do sargaço das

praias causa um certo impacto ambiental, já que ele serve como alimento aos peixes e microorganismos marinhos. "Mas, o benefício com o uso que ele passa a ter é muito maior. Além do mais, sargaço são algas mortas. Depois que chegam na praia, dificilmente voltam para o mar, e quando voltam não são totalmente utilizadas", garante. O recolhimento do sargaço é permitido pela portaria 147 do Instituto Nacional de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), desde que para fins turísticos - o que se encaixa na intenção da prefeitura de Jaboatão dos Guararapes, que resolveu apoiar o projeto diante das solicitações dos moradores e rede hoteleira de Piedade contra a sujeira e mau-cheiro provocado pelo acúmulo de algas. A pesquisa agora tenta otimizar a capacidade de absorção das algas, e deve ser concluída dentro de 14 meses.

Para Saber Mais
Zanon Passavante: zanon@npd.ufpe.br

Renata Maria Beltrão Lacerda/ Agência Meio

[Mais Reportagens](#)